

Como é o céu, o inferno e o purgatório para o espírita?

Criado em 10 Janeiro 2013

[КОМПЬЮТЕРНАЯ ПОМОЩЬ НА ДОМУ](#)

[новости Винницы](#)

[inShare](#)



CÉU: A teologia cristã reconhece três céus: o 1º é o da região do ar e das nuvens; o 2º o espaço em que giram os astros; o 3º fica além deste, é a morada de Deus, a habitação dos bem-aventurados que O contemplam face a face. É conforme a esta crença que se diz que S. Paulo foi alçado ao 3º céu.

Mas, para os espíritas, o céu está dentro de cada um de nós, é uma conquista interior. É a sensação do dever cristão cumprido, que nos fará sentir felizes, onde estivermos. Estejamos encarnados ou desencarnados.

INFERNO: Jesus dizia, em suas pregações, que a alma culpada sofreria tormentos em suas culpas, depurando-se como o lixo queimado na Geena, um vale onde no passado eram oferecidos sacrifícios ao deus Moloch.

Mais tarde, o local tornou-se um lixão, onde queimavam cadáveres de criminosos, carcaças de animais, etc.

Os teólogos medievais, interpretaram esta comparação de Jesus como sendo o inferno, localizado no interior da Terra, onde as almas condenadas ardem em chamas eternas, sem jamais se consumir, em imperdoável sofrimento. Para nós espíritas, o sofrimento é moral.

Assim, o Céu e o Inferno são estados de consciência e não um local geográfico. Quem já sentiu a angústia do arrependimento mais intenso, por uma falta cometida, tem uma pequena idéia do que é o sofrimento dos Espíritos culpados, que se tornam muito mais intenso na Espiritualidade, onde não há as limitações impostas pelo corpo físico, nem as ilusões da existência material, que ocultam as percepções e anestesiaram a consciência. O Espírito comprometido com o mal mergulha, ao desencarnar, num torvelinho de emoções e lembranças relacionados com suas faltas, experimentando sofrimentos morais tão intensos que não há nada que se lhes compare na Terra, onde o levará para regiões (UMBRAIS) que condizem com o estado de sua consciência.

O umbral é definido como uma "região destinada a esgotamento de resíduos mentais."

Assim sendo, entende-se como um período posterior ao desencarne (processo em que a alma abandona o corpo após a morte deste) que possibilita à alma entender o seu atual estado espiritual.

O tempo de permanência no Umbral, e a ocorrência de processos dolorosos de culpa e flagelação, vai depender do estágio evolutivo da alma e do reconhecimento humilde das faltas cometidas (quando for o caso).

PURGATÓRIO: Devemos lembrar que, não há nenhuma referência explícita na Bíblia sobre o purgatório. Segundo a tradição ortodoxa, o purgatório seria uma região no Além onde estagiam as almas que, embora arrependidas e "na graça de Deus", por submeterem a sacramentos religiosos, não são suficientemente puras para elevarem-se ao Céu.

Morrem abençoadas, mas não redimidas (perdoadas). É preciso sofrer, pagar os débitos, depurar-se nesta tal região. Em torno desta idéia exploraram a ingenuidade do povo. Na época, organizações religiosas, vendiam para as famílias ricas, a transferência de seus mortos do purgatório para o paraíso.

Diziam os religiosos que se a família doasse grande soma de dinheiro para a igreja ou comprasse "reliquias" (a peso de ouro), que diziam ser parte do corpo de um santo (ossos, dentes, cabelos, unhas) o morto seria transferido do purgatório para o céu mais rápido.

Então, o purgatório tornou-se uma saída para não cumprir as "penas eternas" no inferno, aberração teológica incompatível com a justiça e misericórdia de Deus. Nós espíritas, entendemos por purgatório, as dores físicas e morais: o tempo da expiação. Quase sempre, é na Terra que fazemos o nosso purgatório, ou seja, que expiamos as nossas faltas. Purgatório significa purgação, purificação.

O purgante é o remédio que limpa o organismo. E as dores e aflições é o purgante que limpa a alma das transgressões à Lei Divina.

Podemos dizer que, o caminho mais rápido e seguro entre o purgatório e o Céu, é “O PRÓXIMO”. Na medida em que estivermos dispostos a respeitar, ajudar, compreender e amparar aqueles que nos rodeiam, seja o familiar, o colega de serviço, o amigo, o indigente, o doente, estaremos habilitando-nos à felicidade, contribuindo para que ela se estenda sobre o Mundo. Portanto, não nos elevaremos se não tivermos dispostos a auxiliar os companheiros que conosco estagiam no purgatório terrestre.

Chico Xavier resume o assunto na seguinte frase: “Dentro da visão espírita, céu, inferno e purgatório começam dentro de nós mesmos. A alegria do bem praticado é o alicerce do céu. A má intenção já é um piso para o purgatório e o mal devidamente efetuado, positivado, já é o remorso que é o princípio do inferno.”

PURGATÓRIO E LIMBO

"As minhas ovelhas, escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem; dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará de minha mão." (João, 10:27-28)

Os Evangelhos silenciam, completamente, sobre a existência do Purgatório e do Limbo, não obstante, eles façam parte do arcabouço doutrinário de uma grande religião cristã.

Indubitavelmente, eles constituem meras concepções humanas, estabelecidas com o escopo de dar destinação certa a uma parcela de almas que abandonam seus invólucros carnis pela desencarnação.

No princípio, a Igreja consagrava apenas a existência de dois extremos: céu e inferno; considerando, no entanto, que nem todos os pecados eram passíveis de penas extremas no inferno, deliberou implantar uma estância intermediária, pois, nos moldes como havia concebido anteriormente, era tremenda injustiça, porquanto equivaleria a uma nação onde houvesse a pena de morte para todos os crimes, independentemente de sua gravidade.

Os Evangelhos nada afirmam a respeito do Purgatório, que somente foi admitido pela Igreja no ano 593. Trata-se de um dogma que teve certo cabimento, por apresentar Deus sendo menos rigoroso na aplicação de Sua justiça, pois no purgatório as penalidades seriam menos agudas, devido às faltas terem sido menos graves. A ausência desse lugar de sofrimento traria para as almas duas alternativas extremas: bem-aventurança ou sofrimentos eternos.

Desta forma, embora tratando-se de concepção de origem humana, nunca mencionada pelo Cristo, e jamais consagrada pela autêntica doutrina cristã, seria um lugar mais brando, de padecimentos menos cruéis.

Com o advento do Purgatório e sua consagração pela Igreja, surgiu, mais tarde, o negro comércio da venda das indulgências, que garantiam maior segurança para o processo de "salvar" as almas. A venda das indulgências deu margem aos protestos de Lutero e outros homens de consciência arejada, surgindo daí o Protestantismo.

No que tange ao Limbo, sua existência também não consta nem do Velho, nem do Novo Testamento. Deve ser, portanto, um neologismo da Igreja, com a finalidade de explicar alguma coisa que a razão humana ainda não quis aceitar.

Segundo essa criação lendária, as crianças que não receberam o batismo, e que morreram sem esse sacramento, bem como as almas dos selvagens, considerados seres de primeira infância, seriam ali aquarteladas.

A razão, de forma alguma, poderia admitir tão acanhado princípio doutrinário com livre exame e acentuado amor, em face da justiça sábia e misericordiosa de Deus, amplamente enunciada por Jesus Cristo.

É lógico, portanto, que tanto o Purgatório como o Limbo sejam meras concepções humanas, criadas pelos doutores da Igreja, com o objetivo de servir melhor aos seus desideratos.

Muitas crianças não receberam o batismo, porque, por si mesmas, não puderam tomar essa iniciativa; também os selvagens, que vivem distanciados da civilização, jamais têm a oportunidade de receberem os ensinamentos de uma religião cristã, e por ela serem submetidos ao batismo.

Afirma Allan Kardec, no livro "O Céu e o Inferno": "É verdade que a Igreja admite uma posição especial em casos particulares. As crianças falecidas em tenra idade, sem fazerem mal algum, não podem ser condenadas ao fogo eterno.

Mas também, não tendo feito bem, não lhes assiste o direito à felicidade suprema. Ficam no Limbo, diz-nos a Igreja, nessa situação jamais definida, na qual, se não sofrem, também não gozam da bem-aventurança.

Esta, sendo tal sorte irrevogavelmente fixada, fica-lhes defesa para sempre. Tal privação importa, assim, um suplício eterno e tanto mais quanto é certo não ter dependido dessas almas que as coisas assim se sucedessem.

O mesmo se dá quanto ao selvagem que, não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, peca por ignorância, entregue aos instintos naturais.

Assim, este não tem a responsabilidade e o mérito cabíveis ao que procede com conhecimento de causa. A simples lógica repele uma tal doutrina em nome da justiça de Deus, que se contém nas palavras do Cristo: - A cada um será dado segundo as suas obras.

Obras, sim, boas ou más, porém, praticadas voluntária e livremente, únicas que comportam responsabilidade. Neste caso, não estão, não podem estar, a criança e o selvagem, tampouco, culpados por falta de esclarecimento.

Paulo A. Godoy